

RENASCIMENTO AFRIKANO EM MIM

Leandro Valquer
laleiou@yahoo.com.br

jongueiro & acupunturista

NOTA DOS EDITORES

O autor utiliza a letra K no lugar do fonema /k/, representado pela letra C, e do fonema /q/, representado pelo dígrafo QU. Adotou essa escrita por entender a linguagem como construção poética, de transgressão e liberdade, possibilitando colocar identidade no que se faz, em tempo integral. O autor afirma ainda, ser uma forma de identificação coletiva relacionada a algumas correntes do anarquismo. Além de poder expressar sua identificação com questões étnicas, já que alguns idiomas africanos têm essa estrutura de escrita. Como explica Leandro, tal escolha recebe o nome de idioleto, linguagem específica de um indivíduo.

Armar-se de Ciência até os dentes
Cheickh Anta Diop

Foi por inadequação eskolar na minha infância (ke só depois de muito tempo identifiko como problemas gerados pelo racismo), ke minha mãe prokurando por soluções, enkontrou uma psikóloga negra (pessoa ke kompreendeu profundamente pelo ke eu estava passando).

Ela me receitou nada mais nada menos ke um kurso de desenho.

Foi na relação kom os desenhos ke aprendi a dar respostas, primeiramente pra mim mesmo, acerca dos desekilíbrios ke me afetavam. Aprendi ali a dissolver as profundas couraças ke os konflitos de classe & o racismo inkrustavam nos meus nervos. Aprendi a konscientizar o ke me incomodava, o ke keria kontinuar eskondido, inkonsciente.

Logo em seguida veio o movimento punk, e a reboque, o anarquismo, que me ajudariam a assumir de uma vez por todas ke akele espaço de “aprendizagem”, rascista e klassista, não fazia nenhum sentido pra mim, e ke o úniko kaminho saudável nakele momento era o da fuga.

& foi o ke fiz:

O grupo de estudo gestionado por amigxs, de maneira kompletamente informal me deu melhor entendimento sobre os modos de funcionamento do mundo, da sociedade e de mim mesmo. Me armaram kom a kítika, tanto quanto me armaram kom a prátika.

O desenho foi uma ferramenta fundamental em quase tudo o ke fiz, me peguei em longa estrada como retratista, pintei murais polítikos nos muros das cidades, pintei paisagens, quadros, illustrei revistas... Do mesmo jeito ke me fortaleci através da pintura, também pude ajudar outras pessoas a se conhecerem melhor. Mergulhei na arte-terapia. E depois kansei...

Provavelmente na graduação de comunicação social, foi onde senti uma espécie de desencanto com as artes plásticas. Foi lá que eu passei a não ver a pintura, o desenho como um sonho, mas como meros veículos de comunicação, até o amadurecimento de um completo repúdio à prática dessas artes. Não que eu tivesse razão, mas um dia eu senti assim...

Fui trabalhar com saúde, no Núcleo de Prevenção de DST/AIDS em Santo André, durante 4 anos. No serviço público, como agente redutor de danos, realizando um trabalho de prevenção em DST/AIDS, palestras, visitas à prostíbulos, distribuição de preservativos na rua. Um universo se abriu, era um mergulho profundo sobre o mistério que é a sexualidade, foi aí que me intriguei com o funcionalismo orgonômico do Wilhelm Reich (eu sabia assim por cima alguma coisa sobre Wilhem Reich que ouvi falar no meu período punk, através da SOMA- uma terapia anarkista, do Roberto Freire - terapia que tinha como referência a capoeira- me lembro que nesse período, em meados da década de 90, talvez pela nova releitura e influência da capoeiragem anárquica, uma grande quantidade de punks pretos geralmente anarkopunks caíram na BR (estrada) em busca de suas raízes africanas).

Estudávamos muito naquela salinha do núcleo de prevenção, e dá-lhe café!!!

Eu que gosto muito de estudar, já estava ficando saturado de tanta informação, de tanta teoria, tudo aquilo que lia em Reich principalmente no livro *A Função do Orgasmo*, eu precisava dar um destino prático, não queria mais saber de conversa. Onde poderia aplicar todo aquele entendimento do cuidado energético? Por quais vias eu conseguiria me aproximar daquilo?

Como? Quando poderia lidar com aquela energia vital que os chineses chamavam de chi? Aquela energia que os hindus chamam de prana, que os egípcios chamaram ka e os japoneses de ki? Quando eu alcançaria essa consciência? De lidar curativamente com o que os yorubás chamam de axé?

A trilha da minha curiosidade me levava lentamente ao estudo da acupuntura.

Me vem à memória, um interesse não muito consciente ainda, mas já antigo, de adolescência, por essas questões. Me vem à memória uma ocasião em que eu estava na chácara da família e lembrado de ter aprendido em algum programa televisivo, de biologia, um tratamento em árvores com acupuntura. Experimentei fazer essa sessão naquela jakeira que não produzia frutos. O resultado foram muitos: imensos, doces e belos frutos.



FOTO: Arquivo pessoal

A partir do funcionalismo orgonômico fui me enveredar na medicina tradicional chinesa.

Primeiro passo. Estudei. Experimentei. Errei. Acertei, tornei a estudar. Pesquisei. Amei.

Nos estudos em sites, livros, vídeos, tratados de acupuntura, ikonografias antigas de mosteiros apareciam imagens de pessoas & divindades negras, isso me intrigava!

Acredito ke uma população com cem mil anos de residência em uma dada região, já pôde konstituir kultura, filosofia e ciência suficiente para dar uma certa karakterístika a esta região. É a partir das observações desses autores, ke aprendo essas téknikas terapêutikas kada vez mais de maneira komparativa kom as kosmologias afrikanas, mais específicamente as ke têm perkursos rekonhecidos nessa rota migratória específika ÁfrikÁsia.

Um conceito interessante kompartilhado por essas duas kultureas, por exemplo, é o conceito de ke o koração é ke é a morada da kosnciência, e não o cérebro, komo afirma a medicina ocidental. Ker dizer, em ambas as tradições, para se curar problemas psíquikos, é preciso kuidar do koração.

Esse tipo de estudo komparativo foi determinante para a edifikação dos novos conceitos em egiptologia, no qual Cheikh Anta Diop, o primeiro egiptólogo negro, konstruiu sua obra faraônica, derrubando tantas falsas teorias do racismo científico.

Diop kompara o copta, idioma dos antigos egípcios, kom o wolof, sua língua materna, e afirma ke o egito antigo é uma civilização negro-afrikana em todas as suas karakterístikas. Reúne à essas provas análises kímikas ke fez, komo a kontagem dos níveis de melanina através do karbono 14, na pele dos faraós, e estudos komparativos de história kom relatos de historiadores, filósofos e sábios da antiguidade, ke observaram kom os próprios olhos o negrume dos povos do antigo Egito.

Diop, aos meus olhos, inaugura uma era. Assim komo fez Imhotep, o pai da medicina, ke também era polímata (carpinteiro, arkiteto, astrônomo, filósofo, eskritor, poeta) ergueu a primeira pirâmide escalonada do Egito, abriu a primeira eskola de medicina, em Menfis, e foi ministro do faraó Djozer, da terceira dinastia. Além de ter eskrito inúmeros tratados ke revolucionaram a medicina. A reunião de saberes matemátikos, kímikos, linguístikos, histórikos, sociológikos ke Diop explora em suas investigações, ilustra bem a herança deixada pela Áfrika. Essas fusões são karakterístikas fundamentais do humanismo afrikano, onde a espiritualidade é ciência, mas também é arte, pode muito bem, também, ser brinkadeira, e multidisciplinaridade ke nos liberta da fragmentação e extrema especialização ke o kondicionamento ocidental nos impõe.

A humanidade nasceu na África, mas hoje, em tempos brutais de desumanização dos humanos e barbárie generalizada, é mais importante lembrar que o HUMANISMO nasceu na África. O humanismo enquanto noção de pertencimento à fraternidade humana. O humanismo enquanto entidade legatária, que deixa à seus herdeiros o acúmulo das experiências e conhecimentos que essa mesma humanidade absorveu em seu pacto com a Natureza.

O humanismo Africano é a inspiração que pode arrancar a humanidade da depressão planetária, advinda de um projeto de civilização baseado no genocídio.

A trilha da minha curiosidade me aproximou do humanismo africano. Atualmente não me considero artista. A arte para mim é um jeito de viver que valoriza a impressão digital de cada um, a descoberta é saber como instrumentalizar isso para a comunidade. E hoje entendo que “nós somos as andorinhas que anunciam a primavera do renascimento africano”...

COMO CITAR ESTE TEXTO

Valquer, L. (2020) Renascimento Afrikano em mim. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 11 (1), 45-54.

RECEBIDO: 03/03/2020.
APROVADO: 14/05/2020.